

## CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DA PERCEPÇÃO CLIMÁTICA DOS ALUNOS RURAIS E URBANOS

VALDIRENE DREHMER<sup>1</sup>; ERIKA COLLISCHONN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – valdiredrehmer@hotmail.com 1

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – ecollischonn@gmail.com 2

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo é uma síntese do projeto de pesquisa que está sendo realizada no mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, na qual se busca analisar a percepção climática dos alunos de uma escola urbana e uma rural no município de Pelotas/RS. Visto que, na atualidade em que a tecnologia tem auxiliado o ser humano até mesmo para a previsão do tempo meteorológico. E partindo dessa premissa busca-se o quanto a percepção climática ainda está presente na organização das pessoas tanto na cidade quanto no rural, ou se nesse meio tecnológico com o auxílio da mídia os moradores rurais e urbanos não percebem mais o tempo meteorológico e buscam só nas mídias saber sobre a dinâmica do tempo. Da mesma forma se as atividades práticas empregadas em sala de aula sobre a climatologia geográfica têm contribuído para o conhecimento a respeito do tempo/clima. Primeiramente procura-se compreender como está a abordagem da bioclimatologia humana, em referenciais teóricos em livros, artigos, dissertações e teses sobre a percepção climática e sobre práticas pedagógicas a respeito do tema.

A Climatologia Geográfica tem como principal objetivo estudar a relação tempo/clima e ser humano, como compreender o quanto o meio físico e humano está combinados e resulta na forma com que a sociedade tem se organizado e como percebe o tempo na sua vida cotidiana. E tem contribuído com os estudos relacionados ao ser humano e suas práticas socioespaciais atrelado a dinâmica do tempo meteorológico e das variações das temperaturas, umidade, ventos etc. que ligadas ao cotidiano humano influenciam no seu comportamento diário e sua forma de se organizar espacialmente (SARTORI, 2014).

O que propõe Sartori (2016) em seus estudos não é do clima como estado médio da atmosfera por um período de 30 anos de dados que ela trata, mas, como argumenta Monteiro (1971) baseado em Sorre (1957), do clima como resultante de sucessão dos tipos de tempo, seus padrões e suas exceções, ou seja, um conceito mais próximo do dia a dia. Enquanto na meteorologia se define “tempo” como o “conjunto de valores que, em um dado momento e em um determinado lugar, caracterizam o estado atmosférico”, segundo Mendonça e Danni-Oliveira (2007), a noção de “tipos de tempo”, para geógrafos, tem uma perspectiva mais abrangente; se refere, justamente, às combinações que se repetem, nem sempre idênticas, porém produtoras de sensações fisiológicas semelhantes.

A climatologia geográfica pretende estudar o comportamento humano e sua interação com o tempo/clima e se aproxima da bioclimatologia humana que é o ramo científico que estuda a interação do ser humano com o tempo e o clima, ou seja, a relação destes na saúde, sensações, percepções, de conforto ou desconforto das pessoas (SARTORI, 2014).

E uma forma de compreender o estudo da percepção é pela Fenomenologia que segundo Sartori (2014, p. 23 e 24), “é uma forma de entender o mundo vivido, no espaço e no tempo, uma análise e sua interpretação da experiência humana em sua gênese psicológica, de sua própria consciência”.

Conforme Tuan (1983, p. 9) a experiência humana resulta da forma com que cada pessoa construiu e conheceu a realidade pelas sensações. Essas sensações variam desde os sentidos mais diretos e passivos, por meio dos sentidos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa que trabalha de maneira indireta através da simbolização. Essas experiências são fruto da herança cultural, da experiência individual e das transmissões das experiências sociais e o ambiente familiar na qual se está inserido.

Segundo Sartori (2014) o comportamento, sentimentos e ideias sobre o lugar são chamados de percepção ambiental. E cada um percebe o espaço conforme a sua relação com a comunidade na qual vive, influenciando na sua maneira de ver, perceber, compreender e se relacionar com o ambiente. Dessa forma, a percepção ambiental neste trabalho leva em conta o tempo/clima é denominada percepção climática, visto que resulta de como o sujeito percebe o meio em que vive e como processa as reações psicofisiológicas do organismo devido as condições do tempo e do clima.

Nesse sentido a Bioclimatologia Humana pretende estudar, comportamentos e doenças que são influenciados pelos tipos de tempo meteorológico. Nesse caso pesquisa tem como objetivo analisar a linha da Bioclimatologia Humana enquanto instrumento de avaliação da percepção climática, dos estudantes rurais e urbanos no município de Pelotas/RS.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa tem como metodologia o método de análise Hermenêutica-Fenomenológica, os métodos de abordagem e investigação serão a Pesquisa Qualitativa e o Estudo de Caso. Neste primeiro momento para construção de referencial sobre a abordagem da Bioclimatologia Humana, organizou-se um referencial teórico a partir de livros, artigos, dissertações e teses sobre a percepção climática e sobre práticas pedagógicas a respeito do tema. Considera-se Sartori (2014, 2016) como autora fundamental para esta construção.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Até o momento foram analisados alguns artigos científicos que analisaram percepção climática de moradores e estudantes tanto do meio urbano, como do meio rural.

O primeiro artigo analisado foi sobre a percepção ambiental e climática em uma escola urbana e outra rural em Toledo/PR. Neste foi utilizado o conceito de lugar nas entrevistas e a análise do discurso dos entrevistados, em busca da percepção ambiental e climática. O que os autores concluíram foi que, na escola rural os alunos têm percepção ambiental e climática mais acurada, devido ao seu envolvimento com o campo e sua vivência no manejo da terra, enquanto os alunos da escola no meio urbano não demonstram esta percepção ambiental e climática mais direta e utilitária. Da mesma maneira os autores tratam da importância de uma didática mais experimental em sala de aula para contribuir com o conhecimento dos fenômenos atmosféricos e fazer uma relação com a vida dos estudantes, instigando ao conhecimento e relacionando ao dia a dia.

Na sequência outro artigo estudado tratava da percepção climática dos moradores do município de Arenópolis/GO. Por ter sua economia mais alicerçada na agropecuária e um contingente urbano pequeno pode considerar-se este um município com características rurais. Utilizaram entrevistas envolvendo formulários e questionários. As pessoas entrevistadas eram de ambos os sexos, na faixa etária a partir de 50 anos. As entrevistas ocorreram no período de março a setembro de

2013. Os resultados foram que os moradores da zona urbana buscam as informações na mídia e estão perdendo a percepção e o conhecimento passado pela família, enquanto os moradores das zonas rurais têm percepção mais destacada em relação ao tempo e clima, devido suas atividades no campo serem mais dependentes do tempo/clima. Confirma o que Sartori (2014) comenta que o morador do campo busca analisar o tempo conforme o que visualiza no horizonte e sua preocupação é com o tempo bom ou ruim para desenvolver suas atividades no campo é um verdadeiro observador do tempo. Já no caso o morador urbano, este pouco olha para o céu, e suas preocupações com o tempo decorrem mais das preocupações como o lazer no final de semana e, apega-se mais as previsões do tempo, disponibilizadas pelos meios de comunicação.

Da mesma forma o terceiro artigo, sobre o município de Campinas/SP, trata do aluno rural e do aluno urbano que por sua vez segue o mesmo caminho na percepção climática que os anteriores, sendo que o aluno urbano a percepção climática influenciada pela mídia, e o aluno rural pela experiência e vivência no campo e conhecimento passado pelos familiares.

E para finalizar o último artigo analisado foi realizado, em 2011, em uma escola com os alunos do 3º ano do ensino médio integrado ao técnico do Instituto de Educação Tecnológica do Piauí (IFPI), no Campus Teresina-Central, que teve como objetivo estudar a percepção dos alunos sobre o clima. Foi utilizado um questionário com 1 pergunta, aplicado a alunos de cursos diferentes. Os alunos eram entre idades de 16 a 18 anos, sendo uma pergunta objetiva e quatro perguntas subjetivas. Como resultado demonstrou que os alunos conheciam a diferença entre clima e tempo, também souberam identificar as condições climáticas locais, mas que não gostam e o tempo predominante no clima da cidade. Os alunos também percebiam as mudanças do tempo, mas por falta de incentivos sua observação e percepção poderia ser mais específica, se houvesse mais estudos em sala de aula sobre as condições climáticas de uma forma global e local. No final os autores destacam a importância de estudos ligados a climatologia e ao cotidiano do aluno para assim estimular a aprendizagem sobre tempo e clima.

#### 4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa ainda está em andamento e o que se pode concluir até o momento nos artigos analisados é que a percepção climática dos moradores e alunos dos meios urbano e rural, são diferentes devido atividades serem diferentes em cada espaço que habitam.

Os artigos analisados constataram que, modos de vida mais enraizadas com o meio rural tem percepção do tempo e do clima e ainda uma relação mais próxima com o meio, enquanto nos desenraizados, esta relação é mais abstrata, e também permeado pelo virtual e pelo midiático. A medida em que as condições de vida profundamente enraizadas vão sendo destruídas, se multiplicam os equívocos da percepção, definição e relação humana com o meio; além disso, como afirma Santos (1992): “Se antes a Natureza podia criar o medo, hoje é o medo que cria uma Natureza mediática e falsa, uma parte da Natureza sendo apresentada como se fosse o todo”. Confirma o que Sartori (2014) diz que a forma como o indivíduo percebe e conhece tempo/clima tem a contribuição de fatores culturais, históricos, ambientais e experiências vividas que corroboram para a percepção climática.

Um dos artigos descreveu como o trato da temática nas aulas de geografia de uma forma mais lúdica na abordagem pode reincentivar a percepção climática. Aproximar as aulas da vida cotidiana, e instigar os alunos a fazerem relações entre a variação do tempo meteorológico e as atividades da população.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOGAÇA, T. K.; LIMBERGER, L. **Percepção ambiental e climática**: estudo de caso em colégios públicos do município de Toledo–PR. Revista do Departamento de Geografia, v. 28, p. 134-156, 2 fev. 2015. Disponível:

<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/90009> Acesso em: 24 de maio de 2019.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Texto, 2007.

MONTEIRO, C. A. de F. **Análise rítmica em Climatologia**: problemas da atualidade climática e achegas para um programa de trabalho. Série Climatologia nº 1. São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo (IGEOUSP), 1971.

OLIVEIRA, F. L. de. NUNES, L. H. **A percepção climática no município de Campinas, SP**: confronto entre o morador urbano e o rural. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 77-102, jan. 2007. ISSN 2177-5230. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12652> Acesso em: 24 de maio de 2019.

RODRIGUES, T. M. B.; NEPOMUCENO, A. S. **A percepção climática dos alunos do 3º ano do ensino médio Integrado ao técnico do IFPI** – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí, campus Teresina central. In: VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas/TO, 2012. Anais do VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação 2012. Disponível: <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1189> Acesso em: 24 de maio de 2019.

SANTOS, M. **1992: a redescoberta da Natureza**. Estud. av. vol.6 no.14 São Paulo Jan./Apr. 1992. ISSN 1806-9592.

SARTORI, M. da G. B., **O vento norte**, Santa Maria, Dr Publicidade, 2016. 256 p.

SARTORI, M. da G. B., **Clima e percepção geográfica**: Fundamentos teóricos à percepção climática e à bioclimatologia humana, Santa Maria, Pallotti, 2014. 192 p.

SPECIAN, V. PAIVA. D. G., ROCHA, T. **Percepção Climática**: as chuvas e tempo para os moradores de Arenópolis – Goiás. In: XVIII Encontro Nacional de

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.